



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**Monografia de Especialização**  
**EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO**  
**Uma Questão a Ser Repensada**

**LOIRACI DE JESUS CAMPOS NERY**

**NAEES/CE/UFSM**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

# **EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO**

**Uma Questão a Ser Repensada**

**por**

**LOIRACI DE JESUS CAMPOS NERY**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação,  
com ênfase em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa  
Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**NAEES/CE/UFSM**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Núcleo de Atividades Especiais de Extensão e Serviços**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO  
Uma Questão a Ser Repensada**

elaborada por

**Loiraci de Jesus Campos Nery**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Gestão Educacional.**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Marilú Favarin Marin  
(Presidente/ Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina klinke

---

Prof. Dr. Celso Ilgo Henz

---

Prof. Esp. José Luiz Padilha Damilano

Santa Maria, 21 de março de 2005.

Dedico esta obra:  
Àqueles que tiveram significado para mim;  
Aos que ganharam significado  
Aos que voaram comigo,  
Nas asas do sentir... ,  
Cada um a seu tempo, ao seu modo...  
Dedico esta obra,  
A todos aqueles que dela participaram.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço,

Ao grande autor da vida, que me possibilitou a consciência deste agradecimento;

À minha família pela compreensão nos momentos de ausência, pela atenção e colaboração em todas as horas, em especial, aos meus filhos Mariano e Rafael, pela ajuda incondicional para que eu, diante da tecnologia tão acelerada, vencesse os desafios e compreendesse com naturalidade o recurso que estava ao meu alcance.

Confesso que em muitos momentos fiquei ansiosa, pois tinha, às vezes vontade de fugir. Mas, Deus... , senti a presença Dele em todos os momentos desta caminhada, dando-me energia, fé e persistência.

Não poderia deixar de fazer um agradecimento especial à minha orientadora, Professora Ms. Marilu Favarin Marin, que com muita competência orientou-me para a efetivação desse trabalho.

## **RESUMO**

Monografia de Especialização  
Curso de Especialização em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO Uma Questão a Ser Repensada**

Autora: Loiraci de Jesus Campos Nery  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Marilú Favarin Marin  
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 21 de março de 2005.

Este trabalho investiga como a comunidade escolar do Instituto Estadual de Educação Dinarte Ribeiro compreende o fenômeno da Evasão Escolar no Ensino Médio noturno. O tema escolhido deve-se a nossa preocupação diante da realidade vivenciada na escola, por isso optamos em aprofundar os nossos estudos especialmente em torno do tema sobre a evasão escolar, um aspecto que persiste ano após ano, apresentando dados que indicam que o educando abandona a escola muitas vezes antes de ter concluído o ensino médio. O nosso objetivo ao realizar este trabalho foi o de buscar identificar os motivos que levam o educando ao abandono escolar, bem como as conseqüências que isso traz para sua vida pessoal e o convívio na sociedade. Assim, optamos por realizar uma pesquisa dentro de uma abordagem metodológica qualitativa, partindo das observações diretas e cotidianas, além das situações que provocam a evasão escolar. Dessa forma, ao analisarmos os dados procuramos ressaltar os aspectos relevantes em que ocorreu o afastamento desses educandos da escola, relacionando-os com o contexto social, econômico e político do país.

**Palavras- chave:** evasão, educando, escola

## **ABSTRACT**

Monograph of Specialization  
Institutional Program of Extension Open University  
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil  
Course of Masters Degree With Emphasis  
In Educational Administration

### **EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO Uma Questão a Ser Repensada**

**(SCHOOL ESCAPE IN THE TEACHING MEDIUM NOTURNE,  
A Subject to Be Rethought)**

Author: Loiraci de Jesus Campos Nery

Adviser: Prof<sup>a</sup> Ms. Marilú Favarin Marin

This project researches how the community of “Dinarte Ribeiro Institute of Education of the State” deals with school Evasion in the evening “high school” classes. The subject has been chosen because of our worries faced with the reality that we see at school, that’s why we got deep in our studies about it , we gave a special focus into school evasion, an aspect that persists every year, showing facts that indicate the students leave school most of the time before they have finished” medium teaching”. Our goal doing this project was trying to identify the reasons for the school evasion, why the students leave school, the reasons for this abandon as well as the consequences that it brings to their personal lives and their life in society. Thus, we decided to do a research in a broach qualitative method, starting from the lifestyle observations, besides the situations that provoke school evasion. When we analyzed the facts we tried to emphasizes the main aspects that made the students left school, relating them with the social context, economic and politic of the country .

**Key Words:** evasion, student, school.

## SUMÁRIO

Agradecimentos .....	v
Resumo .....	vi
Abstract .....	vii
Introdução .....	1
1 - Contextualizando da Realidade - Descrevendo as Estratégias ....	3
2- Problemas de Evasão Escolar nas Escolas Brasileiras .....	9
3- Uma Leitura Critica das Respostas da Comunidade Escolar .....	20
4- A Escola, A Educação E Os Professores Que Queremos .....	29
Considerações Finais .....	46
Bibliografia .....	51
Apêndices .....	55

## INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, o Ensino Médio se insere no âmbito da Educação Básica do cidadão, sendo um direito de todos, exigida pelo pleno exercício da cidadania no estágio do desenvolvimento sociocultural potencializados pelos avanços, visando uma educação voltada para a pluralidade de perspectivas que possibilitam não só o acesso mas a permanência do educando na escola, em especial, dos educandos do Ensino Médio noturno. Porém, presenciamos hoje uma escola que continua fazendo uma educação alicerçada numa cultura político-pedagógica de exclusão, de seletividade, da reprodução e da retenção, reflexo de uma sociedade historicamente marcada pelas desigualdades sociais. Mediante a afirmação que a educação é um direito de todos e uma conquista da cidadania, precisamos compreender como a escola enfrenta e administra duas situações que na prática divergem, o acesso e a permanência dos educandos na escola. A escolha do tema sobre a evasão escolar nos leva a refletir sobre esses aspectos citados. Para discorrer sobre o tema, no capítulo I abordamos sobre a realidade onde realizamos a pesquisa, dados referentes aos aspectos da instituição escolar, clientela, projeto pedagógico, filosofia e a definição das estratégias que serão realizadas.

Já no capítulo 2, trabalhamos sobre a evasão escolar nas escolas brasileiras, onde abordamos os aspectos relevantes retratando o contexto histórico, os paradigmas que norteiam a educação, bem com os tipos de escolas, até os dias de hoje. Também abordamos neste capítulo os fatores mais significativos que levam o educando a evadir-se.

Dando continuidade, no capítulo 3 analisamos os dados coletados através da pesquisa realizada com a comunidade escolar, onde foram retratados anseios, sugestões, questionamentos e ações dos envolvidos a fim de direcionar uma ação mais comprometida, visando realmente assegurar o direito à educação e a permanência do educando na escola.

E por último, no capítulo 4, foram abordadas algumas idéias sobre a educação, os professores e a escola que queremos. Consideramos que ao desenvolver cada um dos capítulos fomos esclarecendo com se configura esse fenômeno que é a evasão escolar.

## **CAPÍTULO 1**

### **1.1 CONTEXTUALIZANDO A REALIDADE**

#### **Descrevendo as estratégias:**

Como escolhemos o Instituto Estadual de Educação Dinarte Ribeiro, para a realização desta pesquisa, procuramos colher dados que nos permitissem identificar melhor a escola, a sua realidade e o seu contexto sócio-cultural.

Essa escola pertence ao município de Caçapava do Sul - RS. Está localizada no centro da cidade. A escola atende da Educação Infantil à 4ª série do Ensino fundamental, Curso Normal, Técnico e Ensino Médio nos turnos manhã e noite. Conta com um número de 1213 alunos, sendo oriunda de diversos bairros da cidade, além dos educandos que vem do interior. Como nosso trabalho foi realizado junto ao Ensino Médio noturno procuramos nos deter nas informações a respeito dessa modalidade de ensino, bem como a estrutura do curso. O Ensino Médio noturno absorve uma média de 352 alunos por ano, sendo aproximadamente estruturado em 9 turmas entre 40 a 45 alunos por turma, agrupados de acordo com a faixa etária.

Sua demanda é bem diversificada, é formada por alunos adolescentes e adultos, com uma faixa etária dos 15 anos de idade, havendo um número significativo na faixa dos 15 aos 25 anos. A maioria dos alunos trabalha durante o dia, exercendo atividades variadas, predominando comerciários, domésticas, serventes de obras, babás, bancos, entre outras. Um número significativo de alunos está trabalhando através do convênio CIEE - Centro de Integração Empresa Escola - sendo que muitas vezes, alguns desses alunos não estão com aproveitamento satisfatório, devido à falta de tempo para se dedicar mais ao estudo, mas permanece na escola para não perder o vínculo desse convênio.

A escola tem no seu projeto-político-pedagógico, uma filosofia a qual explicita uma perspectiva de competências a nível de conhecimentos, habilidades e atitudes. Define, prioridades em três aspectos: filosóficos,

pedagógicos e metodológicos, dando ênfase à avaliação, recuperação, planejamento, relações interpessoais e a caracterização do processo democrático.

Filosofia da escola:

**“ Comunidade Escolar Unida, Atuante e Competente, construindo o Cidadão do Novo Tempo”.**

A escola, com base neste posicionamento, se propõe a criar e oferecer ambiente, condições e situações de aprendizagem que sejam fundamentadas em valores que ensejem ao educando sua auto-realização pessoal e coletiva através do(a):

- exercício consciente da liberdade, igualdade, convivência solidária, tolerância recíproca, respeito mútuo e justiça;
- construção do conhecimento que lhes confira o direito de prosseguimento dos estudos e a capacitação profissional;
- desenvolvimento de habilidades que lhe facilitem as participações conscientes, críticas e produtivas, bem como integração comunitária.

O Projeto-político-pedagógico tem como objetivo servir-lhe de referência para a organização de suas ações, de modo mais consciente e comprometido com a construção de conhecimentos que correspondam aos desejos, necessidades e interesses de toda sociedade como propõe o artigo da Nova LDB, Lei 9394/96.

## **1.2- Descrevendo as Estratégias**

A presente proposta tem por meta analisar e refletir os fatores que influenciam diretamente na decisão do educando deixar de freqüentar a escola.

O estudo sobre a evasão escolar no ensino médio noturno se efetivou através de um levantamento do número de educandos evadidos nos últimos 4 anos, no Instituto Estadual de Educação Dinarte Ribeiro.

Procuramos buscar informações observando aspectos qualitativos e quantitativos dos dados coletados com a preocupação de realizar um trabalho de qualidade voltado para o nível da realidade escolar, na intenção de contribuir para a reconstrução do projeto político–pedagógico da escola.

Realizamos um trabalho que tornasse envolvente, e pudesse despertar a consciência por parte de todos os sujeitos que fazem parte do ensino médio noturno, com o objetivo de tomarem posições que venham amenizar o problema da evasão escolar.

Para compreendermos melhor como se define a pesquisa, precisamos delinear algumas posições segundo a autora Lüdke (1986).

Segundo Lüdke, os questionamentos visam à descoberta, onde o quadro teórico inicial servirá de estrutura básica, a partir da qual novos aspectos poderão ser acrescentados, na medida que o estudo avance (Ludke, 1986).

Sabemos que o desenvolvimento de novas pesquisas em educação tem contribuído com os educadores, tornando possível à construção de uma nova realidade nas escolas e permitindo ser coerente com a noção de que educação escolar básica deve preparar para a vida, não uma vida qualquer, mas uma boa vida. É preciso reconhecer que tudo na escola existe com o objetivo de desenvolver nos educandos características e habilidades que se aproximem do ideal de educando que pensamos formar. Nas últimas décadas, as pesquisas desenvolvidas em educação têm sido trabalhadas com foco metodológico cada vez mais voltado à pesquisa qualitativa. Entendemos que a utilização da pesquisa qualitativa se mostra mais adequada a fornecer respostas para a dinâmica que envolve a educação.

Quanto a pesquisa quantitativa em educação, ela fornece dados que permitem, por exemplo, precisar a quantidade de estudantes que obtém sucesso ou insucesso na escola.

Entretanto, não fornecem respostas para as razões do sucesso de determinados estudantes e o insucesso de outros. É nesse campo, que se desenvolve a pesquisa qualitativa.

Nesse modelo, as crenças, idéias, valores, conhecimentos e preferências do pesquisador não precisam ser ignorados para evitar a interferência nos resultados, pelo contrário, ele deve explicitá-las para auxiliá-lo no trabalho, deixando para o leitor a tarefa de construir suas conclusões.

Já, o estudo de caso é, dentro do universo da pesquisa qualitativa, a modalidade utilizada para o estudo de um caso delimitado. O caso pode ser semelhante a outros, entretanto tem interesse próprio, que lhe proporcionou ser escolhido para o estudo. O pesquisador estará buscando a compreensão justamente das particularidades do caso estudado.

Essa modalidade de estudo não necessariamente é qualitativa. Para que assim seja classificado, o pesquisador deverá trabalhar numa situação natural, rica de dados descritivos e com planejamento aberto e flexível. O pesquisador está à procura de novas descobertas e, portanto, não se prende a pressupostos teóricos prévios.

No decorrer do processo, o pesquisador tenta continuamente compreender a realidade estudada, revelando toda a complexidade e dinamicidade do caso. Para atingir este objetivo, lança mão de toda variedade de fontes de informações para confirmar ou rejeitar hipóteses.

Esse modelo de pesquisa é muito flexível e continuamente adapta-se à peculiaridade do estudo. Nesse sentido, Lüdke (1986, p.21-22) sugere que o desenvolvimento do estudo siga as seguintes fases: exploratória, delimitação do estudo, análise sistêmica e elaboração do relatório.

O estudo começa com a fase exploratória, e gradativamente ela vai se delineando, com novas questões que se explicitam, reformulam ou são abandonadas.

É o momento de especificar as questões e os pontos críticos, de estabelecer contatos iniciais para a entrada em campo, de localizar os informantes e as fontes de dados necessárias ao estudo (Lüdke, 1986, p. 22).

Segue a fase da delimitação do estudo, e neste ponto são escolhidos os focos da investigação, selecionando os aspectos relevantes e necessários à compreensão do fenômeno estudado.

Finaliza-se com análise sistêmica e a elaboração do relatório.

Essas fases são geralmente iniciadas durante as fases iniciais e vão dando origem à conclusões e relatórios parciais, que continuamente serão aperfeiçoados até a obtenção do documento final.

Para o desenvolvimento deste trabalho, o pesquisador, necessitando coletar dados que permitam a compreensão do objeto de estudo, utiliza a observação, a análise documental e a aplicação de questionários entre os membros da comunidade escolar.

No presente estudo investiga-se o problema da evasão escolar no Instituto Estadual de Educação Dinarte Ribeiro, no município de Caçapava do Sul, RS, onde a pesquisadora atua há anos, inicialmente como professora e atualmente como supervisora educacional.

A própria escolha do tema do projeto foi fruto de observações, entretanto para apreensão mais ampla dos mecanismos envolvidos é preciso que a investigação utilize a análise documental e também o questionário.

Especificamente nesse projeto, a análise documental fornece a possibilidade de reconstruir a história da “evasão escolar”, através da leitura dos dados estatísticos registrados na secretaria da escola. O histórico construído a partir da análise dos dados, entrevistas, questionários, conversas informais, facilitaram a pesquisadora a validar os dados coletados.

Por fim, a aplicação de questionários representa uma técnica de coleta de dados que permite a pesquisadora explorar temas complexos.

Com o objetivo de nortear a pesquisa para a resolução do problema inicial, optou-se pela utilização de questionários com algumas perguntas fechadas e outras abertas. Assim, o pesquisador consegue respostas padronizadas para efetuar comparações entre os grupos e, também pode captar a expressão livre dos envolvidos.

Além disso, foi relevado o fato dos entrevistados pertencerem a diferentes segmentos da comunidade escolar, com diferentes idades, nível cultural e social. Considerou-se, também, a possibilidade da preservação da identidade

dos pesquisados, pelo fato de que todos conhecem a pesquisadora e seu trabalho na gestão da escola.

Em acordo com esses pressupostos, desenvolveu-se a investigação que apresenta seus resultados neste trabalho.

## **CAPÍTULO 2**

### **PROBLEMA DA EVASÃO ESCOLAR NAS ESCOLAS BRASILEIRAS**

#### **2.1- Novos Tempos**

Partindo do pressuposto de que a educação só pode ser compreendida em determinado contexto histórico, torna-se evidente a atenção aos novos rumos a serem perseguidos daqui em diante, considerada a especificidade das mudanças no século XX.

Não estamos diante de uma simples encruzilhada, que pede desvios de percurso ou pequenas reformas, como acontece em situações de crise. O momento exige invenção, com ousadia de imaginação para criar o novo. O modelo da escola tradicional, ou seja a escola que não preocupa-se com a diversidade, é conteudista, e não se compromete em educar para conviver com o diferente, mostra-se anacrônico, desatualizado. As propostas para o ensino-aprendizagem não se referem apenas às novas gerações, mas aos que permanecem excluídos dos sistemas, bem como à atualização dos adultos educados pelos antigos padrões.

É preciso detectar com urgência os sintomas do mundo que emerge, o que não é fácil se considerarmos que, mergulhados neste torvelinho, nem sempre temos clareza para compreender e distinguir os principais sinais da mudança. Algumas transformações no contexto histórico levam-nos a repensar outro estilo de vida.

Constatamos que o século XX está marcado pela ênfase na ciência e na tecnologia, que vem transformando radicalmente os usos e costumes de todo globo terrestre.

Dentre as conquistas tecnológicas, destacam-se os transportes ultrarápidos, a automação e a comunicação eletrônica.

Aviões, rádio, televisão, fax, satélites e a rede cada vez mais expandida da Internet subvertem o espaço e o tempo do homem contemporâneo, aproximando os povos e alterando a maneira de pensar e trabalhar. Mediante todas essas conquistas, precisamos compreender os aspectos que estão fazendo parte do nosso dia-a-dia.

## **2.2- Paradigma da Modernidade**

Segundo Boaventura (2000), podemos dizer que essas mudanças provocam uma crise singular, sendo as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes diferentes dos conflitos de gerações de outros tempos; ou seja, poucas vezes na história, acreditamos, os homens se defrontam com uma crise de paradigma tão grande como essa.

O paradigma é um modelo, um conjunto de idéias e valores capaz de situar os membros de uma comunidade em determinado contexto, de maneira a possibilitar a compreensão da realidade e a atuação, a partir desses valores comuns.

Para Boaventura (2000, p. 20), o paradigma da modernidade se configura a partir de diversos aspectos, tais como:

Valorização da subjetividade, garantia de autonomia do sujeito, tolerância religiosa; e,

Valorização da ciência como forma privilegiada de conhecimento.

Segundo o autor, estes aspectos só serão realmente válidos se forem desenvolvidos de forma concreta, sendo valorizada a ciência, a cidadania, a participação, a liberdade de expressão e principalmente a igualdade de oportunidades a todos.

Percebemos que a ciência e a técnica trouxeram a esperança do conhecimento objetivo da realidade e também a possibilidade de intervenção mais efetiva no mundo, transformando-o de maneira nunca vista na história da humanidade. A consequência disso, é que o homem às vezes vê-se afastado do seu centro, isto é, da sua dimensão autônoma (crítica e reflexiva). Sabemos

que essas alterações são em decorrência da política neoliberal que segue projetos globais que buscam modelar o mundo. Fundamenta-se nas tendências da globalização dos mercados e do capital, do qual os neoliberais falam tanto e de cuja realização completa esperam a concretização de suas expectativas.

Neste sentido, a palavra total tem se transformado em uma palavra da moda, pois quase tudo acontece em termos totais ou globais.

Contudo, a prática desta política neoliberal de globalização na América Latina expressa de imediato a contradição insuperável que aprofunda a dinâmica neoliberal, a saber, que mundializa os efeitos da globalização, mas não universaliza a participação eqüitativa na mesma. Há, pois, na política econômica da globalização, segundo Boaventura (2000), uma sacralização do mercado. O consumismo é a diretriz da vida. Mas o cínico da globalização a este nível está justamente nessa sua promessa, pois ao mesmo tempo se sabe que, pela geração da exclusão e marginalidade sócio-econômica, a maioria da humanidade dificilmente poderá satisfazer as necessidades que o sistema lhe induz. Em uma palavra, projeta-se cnicamente em escala mundial uma cultura que não é universalizável.

Quanto à estrutura do sistema educacional escolar, os fatores atuantes na organização e evolução do ensino, quais sejam, o sistema econômico, a herança cultural, a demanda social de educação e o sistema de poder, permaneceram por muito tempo integrados na formação de um complexo sócio-político-cultural, o qual fez com que a educação ofertada à população brasileira não correspondesse aos anseios dos indivíduos.

No que toca à demanda social de educação, esse processo faz mudar substancialmente o seu perfil, introduzindo, no início do século XX, um contingente cada vez maior de grupos advindos das camadas média e popular que passaram a pressionar o sistema escolar para que se expandisse. A estreita oferta de ensino, então, começou a chocar-se com a crescente procura.

Em meados da primeira metade do século XX, mediante a evolução do modelo exclusivamente agrário exportador para um modelo parcialmente

urbano industrial, afetou-se o equilíbrio estrutural dos fatores influentes no sistema educacional pela inclusão de novas e crescentes necessidades de recursos para ocupar funções nos setores secundários e terciários da economia. O modelo econômico passou, então, a fazer solicitações à escola.

Esses dois aspectos: o crescimento acelerado da demanda social de educação, e o aparecimento de uma demanda de recursos humanos, de outro, criaram as condições para a quebra do equilíbrio.

Uma vez estabelecido o desequilíbrio que se acentuou, a crise do sistema educacional obedeceu, na sua escala evolutiva, ao jogo de forças que esses fatores mantinham entre si. Essa crise se manifestou pela incapacidade das camadas dominantes, até mesmo nos dias atuais, de reorganizarem o sistema educacional de forma que se atendesse, harmonicamente, tanto à demanda social de educação, quanto as novas necessidades de formação de recursos humanos exigidos pela economia em constante transformação. Neste processo, a herança cultural atuou desfavoravelmente na mentalidade, tanto dos dirigentes que organizaram a escola, quanto das próprias camadas que passaram a pressionar o sistema escolar.

Repensando sobre o contexto histórico mencionado vamos analisar a problemática do fracasso e da evasão escolar hoje em nossas instituições.

Para isso, é importante lembrar que para abordar o problema precisamos delinear dois tipos de escola e comentar sobre a lógica que as rege. De um lado, há uma escola “ideal”, de outro, uma escola para todos. O que caracteriza um e outro tipo de escola? (Rodrigues,1987,p.27)

A escola ideal é aquela que muitos de nós freqüentamos. Não é uma escola para todos, mas para os que nela conseguem entrar e cursar, sobrevivendo às muitas provações. Do contrário, serão excluídos, reprovados.

Segundo Rodrigues (1987), essa escola “ideal “ busca selecionar, orientar e certificar os alunos que tenham qualidades acima lembradas. Esta escola organiza-se pela lógica de classes, e mesmo que nela todos sejam chamados, poucos serão escolhidos.

A escola para todos é a que caracteriza muitas escolas públicas, hoje. É a escola que busca praticar conquistas sociais e políticas muito recentes. É a escola que expressa compromissos decorrentes da Declaração dos Direitos Humanos, da Constituição de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente, e da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação. É a escola que atribui a todas as crianças e jovens o direito à educação básica, e que co-responsabiliza o Estado e a família pelo cumprimento desse direito.

A escola para todos organiza-se pela lógica das relações, ou seja, pelo modo de inclusão. Nessa escola, todos serão chamados e todos serão escolhidos, ainda que as posições dos termos que constituem essa totalidade possam variar conforme o critério de ordenação das diferenças que articulam entre si. Segundo Rodrigues (1987), uma escola que se quer para todos e se alegre pela conquista dessa abertura política, pela realização dessa justiça social, deve saber que ao convocar todos os alunos, excelentes ou não, está também, por extensão, recebendo tudo o que pode estar associado a ela: violência, pobreza, desorganização familiar, desemprego, roubo, droga, prostituição, deficiência física ou mental, desinteresse e dificuldades de toda sorte.

Mas também não é só isso: alunos e famílias que mais uma vez acreditam que a escola é a esperança de um futuro melhor, alunos que têm uma experiência a compartilhar, alunos que há anos esperam por esta chance. Na escola para todos, segundo Rodrigues (1987), reforçam-se os laços afetivos, a aprendizagem torna-se uma seqüência de estímulos e desafios, sem se tornar uma imposição. É o ato de construir juntos e participar desse processo de construção com os educandos; é estar presente, sendo que nessa escola tudo é possível, tudo pode ser.

Porém, não podemos desconsiderar que há problemas em nossas escolas que nos perseguem como um pesadelo. Não há como ignorá-los, nem fugir deles. Entre os pesadelos constantes está o fracasso escolar e a exclusão, que são problemas universais. A escola atual também “está

quantificada' - alta porcentagem de repetentes, reprovados e evadidos". (Gentili,1994,p.36)

Pois o pesadelo é mais do que o que quantificamos. Podem cair as porcentagens, que ele nos persegue. O fracasso escolar passou a ser o fantasma, medo e obsessão pedagógico e social. Um pretexto, uma peneira que encobre realidades mais sérias. Essa exclusão também é provocada pela ausência de um projeto pedagógico adequado aos interesses dos educandos que estudam à noite, que valorize seu saber, uma escola que adapte seus horários e seu currículo, favorecendo a presença dos educandos.

O ensino no Brasil, em especial ensino médio atravessa hoje uma crise de identidade gerada ao longo de sua trajetória histórica e explicitada na desarticulação e no questionamento de suas funções.

No quadro atual cumpre buscar os caminhos capazes de conduzir à democratização efetiva das oportunidades educacionais, incluindo não só o acesso à escola, mas também a permanência nela e o destino de seus egressos. Isto significa aprender que a democracia e os direitos humanos devem ser vivenciados e praticados em nossas escolas, desenvolvendo uma cultura de solidariedade, forjada no âmbito escolar, transformando em espaço incluyente e democrático, de socialização de saberes e direitos. Mas ainda constatamos que a escola desconsidera muitos desses fatores, e isso intensifica os problemas da evasão escolar. Mas o que significa evasão? Vejamos a seguir:

Aluno evadido é aquele que abandona a escola durante o ano letivo. A evasão escolar é, muitas vezes, confortante para determinados professores, que vêem seu índice de aprovação se elevar com a saída de um aluno que, segundo eles, "não tem condições de ser aprovado".(Arroyo,2000, p.29)

Arroyo chama a atenção sobre esta questão dizendo que:

Evasão sugere que o aluno se evada, ele deixa um espaço e uma oportunidade que lhe foi oferecida por motivos pessoais ou familiares. Portanto, ele é responsável pela sua evasão. Quando o aluno se evade o problema passa a ter outro enfoque, o professor não tem nada a ver com isso. (Arroyo, 1986, p. 36)

Na opinião do autor, a evasão é um processo muito complexo, pois descompromete a escola e principalmente o professor, acarretando toda responsabilidade ao aluno.

Sabemos que são inúmeros os fatores que levam o aluno a se evadir, entre eles, destacamos os mais significativos segundo Tavares (1989,p.27)

#### a) FALTA DE PRÉ-REQUISITO

Grande número deles sai da escola porque não consegue acompanhar os demais colegas principalmente no ensino noturno, onde os alunos se matriculam, começam a freqüentar, cada ano com nova esperança. Na primeira ou segunda vez que recebem o boletim constatam que não “têm condições”, pois as notas são muito baixas, então se evadem e no próximo ano repetem a façanha, assim durante quatro ou cinco anos, até que acabam desistindo.

Outra razão pela evasão é por serem tratados, às vezes, de forma muito sutil, como “fracos” e ficarem marginalizados não conseguindo se integrar ao grupo.

#### b) DISTÂNCIA ENTRE A SOCIEDADE E O QUE A ESCOLA PROPÕE

A falta de significado ou de importância, para eles, naquilo que está sendo proposto ou da própria escola como um todo. Muitos alunos deixam a escola de forma menos perceptível, desligando-se, desinteressando-se por tudo que é feito em sala de aula.

#### c) PROBLEMAS SOCIAIS:

Fatores também significativos são aqueles relacionados às questões sociais.

O aluno tem de trabalhar para ajudar no sustento da família, ou a família muda constantemente, de bairro ou de cidade em busca de novas oportunidades de trabalho.

As causas da evasão escolar são inúmeras, muitas delas envolvem um contexto social maior, e, portanto, são passíveis de serem minimizadas na instituição escolar. No entanto, se a escola conseguisse eliminar as causas relacionadas a ela, os índices de evasão cairiam, significativamente. O principal determinante do insucesso escolar é o processo escolar, embora haja a influência de fatores físicos, psicológicos, sociais e econômicos no desempenho.

Diante disso, conclui-se segundo Tavares (1989, p.38), que o aluno não entra na escola fracassado. Quando isso ocorre, são os métodos empregados pelos professores e administradores, individual e coletivamente, que estão falhando.

A evasão deve ser entendida e assumida como uma exceção e não como uma regra. A regra é aprender, progredir. A escola existe para que o aluno aprenda e nunca para o fracasso. Todos esses problemas revertem prejuízo à melhoria e da expansão das oportunidades educacionais e do desempenho da atividade primordial da escola, que é ensinar.

O que as injustas políticas econômicas tiram com uma mão, devolvem parcialmente com a outra, com conta-gotas e de forma errônea ao mesmo tempo em que impõem pesado ônus sobre o financiamento da educação.

Diz o texto do PNE - Plano Nacional de Educação - ( Lei nº 10 127/2001, p.5):

Dar aos alunos a real possibilidade de acesso e permanência na escola. Há que se combinar ações para tanto. É fundamental fortalecer a educação como um dos alicerces da rede de proteção social, ser considerada uma prioridade para um projeto nacional de desenvolvimento e que favoreça a superação de renda.

Embora a educação tenha outras dimensões relevantes, inclusive econômicas, e a obrigação do poder público de financiá-la é fato de constituir um direito. É preciso desenvolver uma educação de qualidade para todos,

porém precisa ser uma escola em rede de colaboração solidária em todos os níveis, buscando a construção democrática radical como alternativa pós-capitalista. As redes em educação, segundo Silva (1994, p.19), se constituem em espaços abertos que se auto-reproduzem e assim se fortalecem, constituindo-se em movimentos de mudança. Mas podemos afirmar que se a escola continuar com a concepção de educação como produção em série, repetição de saberes, o fenômeno da Evasão Escolar, continuará indignando os educadores bem menos do que deveria, talvez pelo fato da evasão escolar não trazer conseqüências imediatas, especialmente para a escola. Além disso, tem-se a impressão de que é o aluno que será o maior (e único), prejudicado. Se não houver uma reflexão profunda sobre o assunto, a escola estará negando a sua própria função, como instrumento de transformação social.

Mas e a evasão escolar no Brasil? Precisamos refletir:

Percebe-se, segundo Nicholas (2002, p. 35) que muitos são os fatores que contribuem para a evasão, entre eles:

- O mito do afastamento por abandono;
- Desinformação;
- Baixa qualidade do ensino e a falta de interesse da sociedade na carência de seriedade nas políticas implementadas pelo Estado, desde a metodologia adotada pelo Ministério da Educação para calcular o fluxo de alunos por escola;
- O despreparo dos professores frente às demandas diversificadas que caracterizam a sociedade moderna;
- O papel da família.

Esses fatores, segundo o autor, devem ser repensados, pois diante do descaso com a educação torna-se impossível a parceria proposta pela LDB 9394/96, no art. 2-º: “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família”. Sendo que o resultado desses fatores citados será a repetência e a evasão, um dos maiores problemas dos sistemas escolares contemporâneos passou a ser a solução interna que o sistema encontrou para lidar com a situação da não aprendizagem ou da sua má qualidade.

O que precisamos nos questionar são os princípios que fundamentam as práticas avaliativas como: comprometimento dos educadores e das escolas com os juízos de valores emitidos e as decisões que tomam em relação às possibilidades e necessidades de cada educando, o respeito às diferenças e a permanência do mesmo na escola, como um direito constitucional (Arroyo, 1995, p. 94).

Segundo o autor, o que se precisa analisar são as fontes e a natureza da evasão escolar e da repetência, ou seja, é analisar a própria missão das escolas, sua qualidade, seus conflitos e seus resultados.

Com relação ao financiamento da educação, sabemos que prevalece a questão quantitativa de mais recursos, porém desconsidera-se sua melhor utilização. Portanto, a questão central é a falta de vontade política dos governantes e de várias frações das classes dominantes a quem representam, de oferecer uma educação comprometida. Há necessidade de se unir esforços para garantir pesquisas que ajudem a universalizar o ensino de qualidade dentro do contexto de recursos financeiros limitados.

O ensino médio apresenta o mais alto índice do crescimento de matrículas no país, conta apenas 6% do total de gastos públicos em educação e não possui mecanismos próprios para assegurar o seu financiamento necessário. (Rodrigues, 1997, p. 23)

Mediante a afirmação de Rodrigues, constatamos que os investimentos para o ensino público deixam a desejar fortalecendo o descaso com a educação.

Segundo Paulo Freire (1976, p.23) a educação é, sem dúvida alguma, uma questão de suma importância no desenvolvimento de uma nação, requerendo, por isso, a maior atenção possível dos governantes e da sociedade em geral, tendo em vista um constante aperfeiçoamento do sistema educacional em todos os seus aspectos, considerando que o homem não pode participar ativamente na história senão for ajudado a tomar consciência da realidade e da própria capacidade para transformar.

É preciso que a educação esteja – no seu conteúdo, nos seus programas e nos seus métodos – adaptada ao fim que se persegue. Permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, entabular com os outros homens relações de reciprocidade, fazer cultura e a história. [...] O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar. [...] importa preparar o homem par uma autêntica educação: uma educação que liberte, que não adapte, domestique e subjogue. Isto obriga a uma revisão total e de fundo dos sistemas, seus programas, seus métodos (Freire, 1977, p. 47).

Valorizando os aspectos que Freire abordou, a sociedade como um todo deve estar atenta, em especial a escola, que enquanto formadora de cidadãos precisa tomar consciência de sua responsabilidade e participar ativamente da vida de seus educandos, desenvolvendo-lhes todas as competências para que tomem consciência de seu potencial e participem ativamente na construção da história da humanidade.

## **CAPÍTULO 3**

### **UMA LEITURA CRÍTICA DAS RESPOSTAS**

#### **DA COMUNIDADE ESCOLAR**

O objetivo desta etapa é identificar os problemas que permitam compreender a percepção que a comunidade escolar tem a respeito do tema analisado, a “evasão escolar”.

O trabalho foi desenvolvido através de entrevistas, questionários, conversas informais, observações e análise documental, com professores, gestores e alunos do ensino médio noturno, de 1ª a 3ª série, no Instituto Estadual de Educação Dinarte Ribeiro, no município de Caçapava do Sul/RS.

É importante lembrar que há diferenças de formação educacional e de faixa etária entre os grupos pesquisados. Assim, pode-se esperar respostas heterogêneas e discordantes.

Os questionamentos foram organizados de maneira simples e de fácil entendimento para facilitar a participação dos envolvidos.

Os dados coletados foram organizados e validados de forma descritiva, onde o método de abordagem utilizado foi o estudo de caso por ter um grande potencial para compreender melhor os problemas da escola, retratando seu cotidiano.

Esse tipo de pesquisa forneceu elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola, mais precisamente no ensino médio noturno, onde pesquisaram-se os fatores internos e externos presentes no mito da evasão escolar.

Organização dos dados:

Após a coleta de informações, foi realizada uma leitura das mesmas.

Quanto aos questionamentos com os educadores foram abordados temas como:

- Evasão escolar e a realidade econômica, social e cultural do educando;

- Espaço, tempo, currículo e relação professor–aluno, aspectos que contribuem para reforçar a evasão escolar;

- Avaliação e processo ensino e aprendizagem, como sendo os principais mecanismos que desencadeiam a evasão escolar;

- Sabendo que a educação é um direito de todos, qual o papel da escola, frente a esses questionamentos?

- Ações que a escola pode desenvolver para superar as práticas que reforçam o índice de evasão escolar;

Os educadores que participaram dos questionamentos, desenvolvem suas atividades em diferentes instituições, mas a maioria atua na escola onde foi realizado o trabalho sobre evasão escolar.

### **O que pensam os educadores**

Interpretando as respostas dos educadores e gestores, a maioria afirmou que nas últimas décadas as realidades sociais, econômicas e culturais têm sofrido um avanço enorme, através do acesso a novos produtos, serviços e informações. Na opinião dos educadores, a escola parece não ter tomado conhecimento desta mudança social e continua com o mesmo currículo, desinteressante, onde o espaço e o tempo do educando nem sempre é observado. Segundo eles, muitos educadores mantêm a mesma postura, não se preocupando com essa evolução, sendo que muitas vezes nem valorizam a experiência de vida do educando que é rica de informações e tornaria o currículo desenvolvido de acordo com a realidade.

Também reforçaram que há, sim, uma relação muito grande da evasão escolar com a realidade econômica, social e cultural, pois os alunos das classes menos favorecidas, desde cedo precisam trabalhar, para ajudar no sustento da família, necessitando assim, estudar a noite. O estudo, porém, fica em segundo plano, sem maiores perspectivas, falta-lhes motivação, projeto de vida e esperança, muitas vezes de dias melhores.

Além desses fatores, foram citados pelos educadores outros que afetam muito a vida escolar do educando e também são responsáveis pela evasão. A falta de afetividade tanto da família, quanto da escola, a falta de tempo para estudar, a avaliação desvinculada do processo ensino-aprendizagem, visando apenas classificar o educando, atribuindo-lhe apenas uma nota (quantitativa), sem avaliar o crescimento do aluno (qualitativa), avaliando só a inteligência cognitiva, desconsiderando as inteligências múltiplas e as demais habilidades do educando. Alguns educadores disseram que usam como instrumentos de avaliação apenas trabalhos e testes, porque não vêem interesse por parte do educando para ser avaliado de outra forma. Além disso, outro aspecto citado é que a escola se encontra defasada, muitos professores despreparados, sem otimismo, aulas enfadonhas, causando assim, desinteresse do educando, pois estão muitas vezes distantes da sua realidade.

Percebe-se que o fenômeno da exclusão parece um processo natural, pois a mentalidade de exclusão, de seleção, entra na escola e se incorpora via reprovação, havendo uma espécie de naturalização do julgamento. Realmente, a escola como um espaço político-pedagógico e que contribui para a interseção da diversidade cultural, jamais pode deixar de significar, de dar sentido, de produzir conhecimentos e competências fundamentais para a formação humana dos que ensinam e dos que aprendem. Assim, a escola deve trabalhar de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integridade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem às diferenças e as características de cada um, ressignificando seu fazer pedagógico.

### **O que pensam os educandos**

Quanto aos questionamentos com os educandos, foram abordados temas como:

- situação econômica, social e cultural, como fatores que desencadeiam a evasão escolar;
- currículo, espaço, tempo e relação professor-aluno, avaliação do processo ensino e aprendizagem, como um dos principais fatores que reforçam a evasão escolar;
- educação como um direito de todos, como afirma a constituição, qual o papel da escola frente a esta afirmação;
- que ações a escola pode desenvolver para superar as práticas que intensificam a evasão escolar.

Interpretando as respostas dos educandos, a maioria respondeu que a classe econômica, social e cultural, nem sempre influi na evasão escolar, pois depende muito de cada um. Além desse aspecto disseram que alguns educandos não estão preocupados com a aprendizagem e sim com a nota.

Outro aspecto questionado aos educandos foi sobre a relação professor - aluno. Os educandos afirmaram que precisa ser repensada, pois muitas vezes, o educando deixa de freqüentar a escola porque não tem espaço, ou discorda da opinião do professor, e este, nem sempre está preparado para este ato democrático que é a divergência de opinião.

Ao perguntar sobre o currículo desenvolvido, sendo que primeiro foi explicado o sentido de currículo, os educandos manifestaram desejo de aulas mais interessantes, fazendo uma relação da teoria com a prática. Explorar mais o conteúdo, além de ser também mais explicado, facilitando melhor a aprendizagem.

Observou-se outro aspecto um pouco atípico: o que também faz o educando evadir é o clima, pois as noites são muito frias, principalmente nos meses de maio a julho, ou seja, no segundo bimestre, aos pouco vão desistindo, resumindo as turmas, geralmente pela metade, ou até menos.

Embora, a LDB, ampare a oferta do ensino noturno regular adequado às condições, características e o perfil desse educando, observando os aspectos peculiares de cada região, o clima é um fator que pesa na evasão escolar.

Quanto ao uso do transporte escolar, alguns educandos, que moram nos bairros e até mesmo no interior, usam ônibus e alguns vêm de bicicleta. É lógico, que não são meios de transporte muito seguros, mas é o que é oferecido.

Fazendo um paralelo das respostas dos educadores e dos educandos ambos desejam uma escola onde a educação básica deve ser um caminho mais tranquilo, sem sobressaltos, natural, sem fracassos e mais atraente. Qualquer programa de governo deve prever ações e estratégias para garantir um ensino de qualidade, visando ampliar significativamente o atendimento à demanda para o ensino médio, com especial atenção para o período noturno.

Como se observa à questão quantitativa de atendimento a toda população na idade própria não depende só da lei, é uma questão, sobretudo, de política e de ação do governo e da sociedade, e principalmente da comunidade escolar.

No entanto, a questão central do ensino médio é a definição dos seus objetivos e da concepção curricular adotada. Um dos principais objetivos do ensino médio é a formação da pessoa humana, do cidadão, do trabalhador e do futuro universitário. E tudo isso, coincidindo com a etapa final de consolidação da Educação Básica, na faixa etária da adolescência, período em que o jovem estrutura valores e conceitos, faz suas escolhas essenciais. Trabalho, profissão, família, grupo social, esportes, política, enfim, o modo de viver, constituem opções fundamentais dessa fase da vida. Dois pontos precisam ficar claros nessa complexa questão:

- Primeiro, seria missão impossível para a escola, sozinha, responder a todas essas expectativas? Acredita-se que a tarefa de encaminhamento das novas gerações é de responsabilidade de toda sociedade.

- Segundo, as múltiplas funções atribuídas ao ensino médio não devem ser excludentes.

Tanto os educadores quanto os educandos apontaram ações para o ensino médio, cuja função social refere-se a todos os adolescentes, independentemente de sua origem e classe. É preciso destacar o papel da escola pública, visando a construção de uma proposta pedagógica que propicie situações de aprendizagens variadas e significativas dos seus educandos.

É sempre bom lembrar que o ensino médio no Brasil tem exercido, entre outras, a função de referendar a inclusão dos incluídos, justificada pelos resultados escolares. Na verdade, os incluídos vivenciaram um conjunto de experiências sociais e culturais que lhes assegura larga vantagem na relação com o conhecimento sistematizado, isso sem falar nas condições materiais favoráveis ao estabelecimento dessa relação. Assim é que, não por coincidência, os que permanecem na escola são também os que melhor se comunicam, têm melhor aparência, dominam mais conhecimentos e apresentam condutas mais adequadas de acordo com as normas exigidas pela vida escolar, produtiva e social. (Libâneo, 2001 p.16). Os dados estatísticos colhidos na secretaria da escola, mais uma vez comprovam que a evasão escolar passa despercebida, com um processo natural.

Vejamos os índices de evasão, iniciando pelo ano de 2001. Este ano obteve uma matrícula de 297 alunos, abrangendo as três séries do ensino médio noturno, sendo que foram 64 alunos evadidos, tendo um índice de 21% de evasão; observou-se que nas primeiras séries a desistência foi maior.

No ano de 2002, houve uma matrícula de 325 alunos, sendo que 61 evadiram-se, obtendo-se um índice de 21% de evasão.

Já em 2003 foram 313 matriculados e 111 evadidos, totalizando, 35% de evasão.

No ano de 2004, matricularam-se 351 e 106 foram evadidos, obtendo-se 30% de alunos que desistiram de estudar.

Comparando os índices de alunos evadidos constatou-se que a cada ano os índices tendem a aumentar. Por esse motivo entende-se que a escola enquanto instituição precisa ressignificar suas ações, compreender e comprometer-se com as sugestões que devem nortear o contexto escolar e

amenizar a evasão escolar. Ações sugeridas pelos educadores e educandos, resultado da pesquisa realizada, a qual foi de extrema importância para nortear o caminho que a escola deve seguir, e sobre o qual sugere-se:

- Não aceitar injustiças nem reforçar as desigualdades sociais impostas pelo poder;

- Atender à realidade e às necessidades da comunidade escolar;

- Currículo significativo e interessante para que o educando se interesse e permaneça maior tempo na escola;

- Entender que o processo educativo é um todo, onde ensino e aprendizagem ocorrem simultaneamente;

- Dinamizar o processo ensino e aprendizagem de forma interdisciplinar, participativa, consciente, produtiva e responsável;

- Prover condições e estipular estratégias que possibilitem ao educando manter o interesse e a permanência na escola, mediante a expectativa de reelaboração do saber que possui, a fim de que possa assumir com autonomia seu insubstituível papel de sujeito da vida e da história de seu tempo;

- A redução da carga horária do professor, para poder melhor planejar atividades mais dinâmicas e diferenciadas;

- Planejamento participativo com a maioria dos segmentos da comunidade escolar;

- Atividades extraclasse e aulas desenvolvidas em outros ambientes, não se limitando apenas ao espaço da sala de aula;

Quanto aos professores, sugere-se:

- Boa relação com os educandos;

- Comprometimento com o fazer pedagógico ;

- Espírito otimista;

- Avaliação do educando como um todo (conhecimentos, valores, crescimento pessoal);

- Redimensionar a intencionalidade da avaliação;

- Interesse por conhecer a história de vida de seus educandos;

- Realização de um trabalho que contemple a integração escola e família;

- Favorecimento do acesso à cultura, despertando o gosto pelo conhecimento;

- Ajuda no resgate do gosto de viver, do sentido da vida, cultivando gestos de solidariedade e de justiça;

- Esforço para que a escola seja um espaço de identidade do educando;

- Preocupação em resgatar e manter a qualidade do ensino;

- Cultivar a flexibilidade;

- Empenho para que a escola seja ligada à vida do educando.

Também afirmaram nos questionamentos anteriores que o ensino médio só será efetivamente democrático quando seu projeto pedagógico, sem pretender ingenuamente ser compensatório, propicie as necessárias mediações para que os menos favorecidos estejam em condições de identificar, compreender e buscar suprir ao longo de sua vida, suas necessidades com relação à participação na produção científica, tecnológica e cultural.

Significa que temos um árduo caminho a percorrer.

E essa é a tarefa intransferível de cada escola e de cada comunidade. E desse caminho deve ser removida a pedra, de forma que a escola média brasileira deixe de ser obstáculo e passe a ser uma passagem livre e segura para uma sociedade democrática.

Paulo Freire nos faz refletir com esta idéia: “Ninguém educa ninguém, mas ao mesmo tempo, ninguém se educa inteiramente sozinho” (Freire,1987,p.30-31). As pessoas se educam mediadas pôr determinado objeto de conhecimento que é a própria realidade, a realidade vivida que aí está a desafiá-las, a conhecê-las e a transformá-la. Portanto, a educação jamais é uma dádiva, uma doação de uma pessoa que sabe àqueles que não sabem, mas algo que se apresenta como um desafio para educador e educando, um desafio que é a própria realidade composta de situações – problema, de inquietações, de angústias e de aspirações do grupo.

Paulo Freire (1987) afirma que a educação é um processo onde o homem interage com os demais, vivenciando a troca, experiências, desafiando a própria realidade composta de situações e aspirações.

## **CAPÍTULO 4**

### **Que Educação Queremos?**

Neste final de século e de milênio, a educação vive no continente latino-americano um momento especialmente paradoxal e contraditório. Não se pode negar a enorme expansão do sistema educacional nas últimas décadas, pelo menos no que diz respeito à educação básica, voltada ao atendimento das necessidades sociais e culturais de uma sociedade em transformação, onde mudam as exigências postas à educação escolar alargando seus âmbitos e competências.

A expressão educação básica carrega em si a luta popular pela ampliação de um direito social a ser garantido a todos. Embora a legislação atual, a LDB 9394/96, só garanta a obrigatoriedade do ensino fundamental, já começa a ser incorporada em nossa cultura a idéia de que todos devem estudar, pelo menos até a conclusão do ensino médio, e de que a educação infantil também faz parte da idéia de escola pública, ambas vistas também como um dever do Estado assim como já o é o Ensino Fundamental. Por outra parte, o conceito de educação básica se amplia para outras práticas educativas ligadas aos diversos grupos culturais. Independentemente de sua consagração legal os direitos sociais dependem da organização humana que os respalde, desde as instituições públicas da sociedade civil. Assim, se faz juridicamente defensável o direito à educação exigida pela cidadania competente e responsável segundo o grau de desenvolvimento sociocultural e econômico do país.

Constatamos que a educação é vista como esperança no futuro; no entanto, persiste no continente latino-americano, conforme Gentili (1994), um alto índice de analfabetismo, evasão, repetência e desigualdades de oportunidades educacionais entre diferentes países, assim como entre regiões geográficas em cada um deles. Esta crescente diferenciação do sistema traduz também uma equação de menor ou maior qualidade e viabiliza a tendência à

inserção da educação na lógica do mercado, como um produto de consumo que se compra, de acordo com as possibilidades econômicas de cada um. Isso é, segundo Gentili (1994), em decorrência da chamada globalização, a qual afeta diretamente a educação, na medida em que reflete e configura o propósito educativo de uma determinada forma em sua dimensão de política educacional quanto a sua dimensão organizacional. Como se sabe, as formas dominantes de produzir, de consumir e de relacionar-se em nossas sociedades neoliberais geram determinadas linhas de socialização que, em alguns casos, podem entrar em conflito com o sistema educativo e, em outros ser reforçadas por ele.

Para compreendermos melhor como se configuram esses aspectos, vamos abordar duas questões essenciais segundo Gentili (1994).

1. Toda proposta educacional deve não apenas apresentar a realidade em que vivem os educandos, mas também gerar espaços e possibilidades para possam compreender o significado e as conseqüências da globalização neoliberal como realidade dominante em nossos dias. Realidade que, embora muito mencionada e divulgada, nem sempre é compreendida, pois uma coisa é a informação e outra é a compreensão, como nos ensina ano após ano nossa prática docente.
2. Devemos favorecer uma atitude crítica em relação a esse processo, visto que a ideologia neoliberal no âmbito educativo representa a tentativa de converter a educação em um bem de consumo qualquer, deixando esta de ser um direito.

A educação é um direito fundamental, assim reconhecido no artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, provavelmente o legado mais importante que nos deixou a humanidade no século XX, e que deveria constituir-se no centro das prioridades no século XXI. Garantir o exercício desse direito e forjar um novo modo de desenvolvimento com inclusão é um desafio que impõe ao campo da educação decisões inovadoras. O fortalecimento de políticas e criação de instrumentos de gestão para afirmação cidadã torna-se prioridades, valorizando a riqueza de nossa diversidade

cultural. Diante das necessidades de uma sociedade cada vez mais complexa, é fundamental compreendermos as exigências dos tempos modernos ou seja, uma sociedade multicultural, globalizada e que apresenta aos indivíduos novos desafios. Por isso, a escola precisa compreender e trabalhar com seus educandos novos conhecimentos, novas competências e habilidades preparando-os para entender e transformar o mundo em que vive.

Mas vivemos um momento onde crescimento da economia mundial e da riqueza tem como contrapartida uma maioria da população marcada pelos efeitos da fome, da miséria e da urbanização desorganizada. Por isso, a virada deste milênio faz a humanidade acordar para esta realidade. Segundo Buarque apud Ahlert (1999, p.16), “(...) este acordar depara-nos um paradoxo: um mundo maravilhosamente eficiente, mas um mundo onde a miséria humana confunde-se com o próprio lixo criado pelos processos desenvolvimentalistas e tecnológicos (...).

Ainda, segundo o mesmo autor, esta realidade suscita questões sociais, econômicas, éticas entre outras. Onde estão os valores de vida, os princípios universais que normatizam as relações entre seres humanos e destes com a natureza? Qual a função da educação diante da realidade?

A realidade brasileira apresenta diferenças sociais gritantes: ao lado de poucos ricos convivem imensas maiorias empobrecidas. O mesmo país que corre atrás de tecnologias sofisticadas possui ainda seres humanos revirando o lixo para comer. Não se trata, portanto, de abandonar a luta pela transformação social, mas de iniciá-la também a partir da subjetividade.

As revoluções devem começar nos grupos e comunidades interessadas em transformações. Nesses pequenos espaços coletivos, transformam-se as pessoas, suas práticas e suas relações com a sociedade circundante. A partir daí, podemos começar a mudar espaços mais amplos da sociedade.

Assim podemos ousar a construção de uma sociedade plenamente humana, onde a busca do ser humano tem sido pela liberdade e emancipação em relação a todas as estruturas que escravizam e embotam a consciência, o pensar e o agir. Mediante esse processo de libertação constatamos que a

educação, a cada dia, se faz mais exigida pelas respostas que deve a cidadania solidariamente responsável dar aos desafios sempre novos que enfrenta no mundo, hoje, em constante mutação. Na escola, cada vez mais exigida e, por isso exigente, segundo Gadotti, (1989, p.38) defrontam-se os profissionais da educação com esse mundo que se alarga e expande requerendo presença ativa em todo ele, ao mesmo tempo presença vigilante das específicas atribuições de cada distinta esfera do saber, todas em interação. Interação no mundo planetário unificado, integração no mundo diversificado de cada comunidade das convivências cotidianas densas e solidárias, integração na interioridade do sujeito singularizado. Gadotti (1989)

Integração da educação entendida, segundo Gadotti (1989), como formação humana e integração da escola além de seus muros, em comunidade local determinada que se faça comunidade educativa como tal formalmente assumida. Nesse sentido, de um ensino mais integrado a um tempo e mais articulado com as vivências dos educandos no cotidiano da vida na família, nos grupos de iguais e na comunidade, despertando sempre a consciência e importância do desenvolvimento de potencialidades e apropriação do saber social, ou seja, o conjunto de conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que são produzidos pelas classes, em uma situação histórica dada de relações para dar conta de seus interesses e necessidades. Numa nova educação que se coloque no e desde o mundo da vida, direcionada para as aprendizagens relevantes e efetivas, que só elas contam, a aprendizagem coletiva da humanidade pelos homens se torna pressuposto fundamental do que aprender, do quando e como (Marques, 1993, p.p. 109-110).

Para que isso se torne realidade, segundo o mesmo autor, a educação precisa estar voltada para uma ética universal de princípios gerais de organização de uma sociedade justa, fraterna e solidária, uma ética preocupada em identificar os princípios de uma vida que proporcione harmonia e um profundo sentido, que respeite e valorize as diferenças e, no entanto, garanta o pleno desenvolvimento de cada um.

Sabemos que o desenvolvimento humano é um processo que objetiva ampliar as possibilidades oferecidas a todos. Embora essas possibilidades sejam, a princípio, infinitas e evoluam com o tempo, em qualquer nível de desenvolvimento, três delas são consideradas básicas conforme Azzolin, (2001, p.56)

- ter vida longa e com saúde;
- adquirir conhecimento;
- ter acesso a recursos que permitam condições dignas de vida.

Esses aspectos são fundamentais para que sejamos seres, completos e determinados.

E é através da educação que a pessoa constrói seu conhecimento, transformando-o em ações concretas, que evidenciarão o seu modo de ser. Pela Lei de Diretrizes e Bases n-º 9394/ 96, a família é a primeira educadora, mas ela precisa ser auxiliada por outras instituições, destacando-se entre elas, a escola, e nesta, o educador, sendo que este último deve perceber, ter definido que a educação é um ato social, de troca e recepção mútua de influências, em que todos os que se relacionam por meio de um processo de ensino-aprendizagem se modificam.

É impossível ensinar sem aprender, assim como não aprender ao mesmo tempo em que se ensina. Sabemos, segundo Oliveira (1983, p.23), que o educando é particular, mas também integrado em um processo social, com vocação pessoal, mas integrado à comunidade, precisamos respeitar a particularidade do educando, mesmo inserido no todo. A educação, deve assegurar a todos o direito de aprender. Para isso, é necessário respeitar as diferenças, incentivar os processos de individualização na educação e fazer dos educandos alvo da construção do conhecimento baseando-se, conforme Oliveira (1983), nos quatro pilares que direcionam o saber.

- Aprender a conhecer;
- Aprender a fazer;
- Aprender a viver junto; e
- Aprender a ser.

São esses aprenderes que dão verdadeiro sentido à educação, porque são permanentes, aplicáveis e necessários em qualquer situação, pois atingem o ser como pessoa livre, solidária e responsável, criadora de si mesma, da cultura, da arte, dos valores das profissões, da tecnologia e da própria sociedade. Paulo Freire nos faz refletir:

Não há educação dentro da cabeça de ninguém, faz-se educação no contexto histórico, no contexto cultural, e é por isto também que ela não pode ser neutra, não há, nunca houve, nem haverá neutralidade educacional. Uma das conseqüências da invenção da existência foi a impossibilidade da neutralidade na criação (Freire, 1995 p.14).

Segundo o pensamento de Freire a educação é parte de cada ser humano, participando do contexto histórico e almejando uma educação ampla e consistente, capaz de contribuir para encontrar respostas aos desafios que todo continente está chamando a enfrentar, para construir sociedades onde a justiça, a solidariedade e a felicidade sejam direitos de todos, porque sem horizonte utópico é impossível educar. A escola vive o desafio de educar para os valores em um contexto pluricultural. Os valores compreendidos como mais igualitários se confrontam com os valores neoliberais, por isso é preciso priorizar o diálogo entre diferentes visões de mundo, educar para conviver com a diferença, vista não como ameaça, mas possibilidade de ampliação cultural, mediante as experiências de cada um.

Há de se desenvolver uma educação voltada para a cultura da solidariedade, forjada no âmbito escolar, transformado em espaço incluyente e democrático, de socialização, saberes e direitos.

Portanto, a educação do século XXI deverá ser construída, a partir de ideais humanísticos, incluindo toda criança, jovens e adultos no espaço educativo. A educação tem de ser uma porta mais ampla e arejada de acesso à cidadania ou a própria condição humana.

## Em qual Escola?

Sabemos que a escola, tal como conhecemos hoje, é uma construção histórica recente. Na América Latina os sistemas escolares se constituíram praticamente neste século. A concepção de escola que se foi consolidando no final do século XX, apresenta-se como uma instituição orientada, fundamentalmente, para promover a apropriação do conhecimento considerado socialmente relevante, e a formação para a cidadania.

No entanto, a escola está chamada a ser nos próximos anos, mais do que um *locus* de apropriação do conhecimento socialmente relevante. Ela deve ser um espaço de diálogo entre diferentes saberes-científicos, sociais, escolares e linguagens. De análise crítica, estímulo ao exercício da capacidade reflexiva e de uma visão plural e histórica do conhecimento, da ciência, da tecnologia e das diferentes linguagens. É no cruzamento, na interação, no reconhecimento da dimensão histórica e social do conhecimento que a escola está chamada a se situar.

Outro desafio que se coloca para a reinvenção da escola relaciona-se com a articulação entre igualdade e diferença. Durante muito tempo, a cultura escolar se configurou a partir da ênfase na questão da igualdade, o que significou, na prática, a confirmação da hegemonia da cultura ocidental europeia e a ausência no currículo e em outras práticas simbólicas presente na escola de outras vozes.

Hoje são cada vez mais numerosos os movimentos sociais e de caráter semelhante que questionam o universo escolar assim configurado e apresentam diferentes propostas na ótica de uma cultura escolar mais plural, que incorpore contribuições de diferentes etnias e questione os estereótipos sociais, étnicos, de gênero, vinculados pela escola. (Nóvoa,1992.p.20). A escola é uma instituição que faz parte da história de muitas pessoas; porém, gostaríamos que estivesse presente na vida de todas. Nem sempre a lembrança do cotidiano escolar vivenciado é positiva. Entre luzes e sombras, momentos inesquecíveis e estruturantes de uma perspectiva de vida e

ocasiões em que o fracasso, a frustração e o medo foram os aspectos dominantes, a dinâmica escolar é por nós incorporada no nível pessoal e social. A luta pela universalização de uma escolarização de qualidade tem sido árdua e, entre nós, ainda está longe de alcançar a meta proposta. Exaltada e fortemente criticada, certamente a escola tem sido objeto de muitas análises, reformas, debates conflitos e sonhos.

Entretanto, é possível afirmar que neutralizamos um modo de pensar e organizar a instituição escolar. Muitas vezes, deixamos de visualizá-la como uma construção social fortemente condicionada pelos momentos históricos, sociais e culturais. O que entendemos por escola, quais os saberes, práticas, valores e projeto de sociedade e humanidade que devem impregnar seu dia-a-dia, como organizar a sua dinâmica, como formar os profissionais que nela atuam, são questões que, entre outras, sempre estiveram presentes na reflexão pedagógica.

Na nossa sociedade, ao mesmo tempo em que existe uma forte valorização da escolarização, talvez mesmo voltando a atribuir-lhe um papel “redentor”, os sinais de desconforto e incomodidade, a multiplicação dos conflitos intra-escolares e nas relações escola e sociedade, uma certa sensação de inadequação aos tempos atuais, parecem se acentuar. É possível afirmar que são indicadores de que está esgotando um determinado paradigma de se conceber e realizar a escolarização; a necessidade de se repensar sobre a escola surge como um desejo, projeto e um caminho a ser construído. (Libâneo, 2001, p.19)

Repensando sobre trajetória da escola, a questão da cidadania é fundamental, não de uma perspectiva puramente formal do tema, mas a partir de uma abordagem que concebe a cidadania como prática social cotidiana, que perpassa os diferentes âmbitos da vida, articula o cotidiano, o conjuntural e o estrutural do seu horizonte, sempre na perspectiva de um projeto diferente da sociedade e da humanidade. A escola, assim concebida, segundo Libâneo, (2001) é um espaço de busca, construção de diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de

expressão e linguagens, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo processo educativo.

A concepção de escola está na base da dimensão universalista. Para Candau (1997),

“não basta afirmar a função normativa da escola moderna para garantir a necessidade e a pertinência de incorporar a dimensão universal na concepção de currículo; trata-se do desafio de se recriar o sentido profundo da escolarização”. Candau (1997, p. 76)

Para a autora o sentido universal de escola é a escolarização, pois precisamos recriar e principalmente ver o real sentido de currículo.

Acolhendo a tradição construída como histórica, evitando posições saudosistas e fundamentalistas, para conscientes das raízes histórico-culturais da instituição escolar, enfrentarmos as novas questões e reivindicarmos o sentido da escola para os indivíduos, os grupos sociais e a sociedade como um todo.

Os educadores não podem ignorar, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho que na verdade as escolas já estão tendo que enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização, do que significa ensinar e da forma como os estudantes devem ser ensinados para viver em um mundo que está amplamente mais globalizado, e, racionalmente diverso, que qualquer outra época da história.

Sabemos que a escola é um “mundo social”, que tem suas características, vidas próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. Portanto, uma escola de qualidade, é aquela que todos entram e todos aprendam.

### **E com quais educadores?**

Inicialmente, é preciso entender o que é ser educador; quais indicativos que caracterizam um verdadeiro educador. As dúvidas, neste sentido, talvez se restrinjam à definição formal do termo educar, pois, certamente, no cotidiano escolar, já se ouviu, falou ou pensou a expressão popular que, sabiamente, denota todo significado da idéia na qual se deseja chegar: “podemos afirmar que há educadores e educadores.” (Arroyo, 2000, p18). Quantos de nós sabemos o verdadeiro motivo da opção para o magistério. Todos os educadores já refletiram algum dia sobre isto?

Poder-se-ia dizer que se exerce a profissão porque, na maioria dos casos, a carga horária é reduzida em relação às demais funções, proporcionando tempo para lazer. No entanto, admitir tal afirmação seria uma ironia, sabendo-se do envolvimento com as tarefas, cujo tempo despendido vai muito além do horário presencial na escola.

A possibilidade de ter ingressado na carreira pelo status também seria passível de ser considerada, porém, de qual status se estaria falando?

Atualmente, no Brasil, os professores e especialistas em educação enfrentam uma grave crise de desvalorização. Caberia dizer como Rubem Alves (2003),

Fantasma que nos faz contar, apressados, os anos que ainda faltam para a aposentadoria é a absoluta falta de amor e de paixão, o absoluto enfado das rotinas da vida do professor. E por mais força que façamos, não descobrimos aí uma razão para viver e morrer. Que amante quereria aposentar seu corpo depois de 25 anos de experiência, de amor? O amor e a paixão não anseiam por aposentadoria, porque são eternamente jovens. (Alves, 2003, p.16).

O autor nos alerta para que tenhamos amor e dedicação por ensinar, porque ensinar é um processo de imortalidade.

Os profissionais da educação encontram-se hoje em um momento decisivo: ou assumem a educação como uma opção de vida e lutam por ela

com convicção e coerência, ou abandonam de vez a tarefa de educar, pois só são dignos desta responsabilidade aqueles que têm vocação e aptidão.

O despertar do educador é um ato de fé e coragem. Como disse Geraldo Vandré, em sua canção, “(...) esperar não é saber: quem sabe faz à hora, não espera acontecer!”

Pensando nesse pensamento nos questionamos: Afinal, quais são os paradigmas educacionais, hoje? Qual realidade tem-se a enfrentar? Espera-se muito do educador. Que ele enxergue com olhos de sabedoria, paciência e compreensão. Que atenuie dúvidas e inscreva certezas no coração e na mente daqueles a quem protege e incentiva.

O fato de educar pressupõe, cada vez mais, preparo e vocação.

Vivemos uma crise geral, que reflete também a educação. O educador está despreparado para lidar com essa crise e um dos motivos é não ter trabalhado o seu mundo interior. Ele foi preparado apenas para passar conteúdos.

Não poderia, então, lidar com as personalidades dos educandos?

Quando os educadores e educandos se encontram não são apenas personas, isto é, personagens sociais que estão se encontrando. São pessoas inteiras, com múltiplas dimensões. E isso nunca foi considerado pela educação convencional.

Explicitou-se a relação que existe entre educação e sociedade o que foi uma grande conquista. Mas o caráter pessoal do processo educacional ficou esquecido. Sem abandonar os aspectos sociais e políticos, precisamos resgatar as pessoas que estão envolvidas nesse processo.

É necessário trabalhar a dimensão afetiva: a angústia, o medo de improvisar ou a resistência em abandonar uma estratégia habitual que se revela ineficaz.

É uma tarefa que exige lutar contra toda espécie de perfeccionismo e que demanda tempo. A experiência ensina o profissional a discernir uma série de fatores.

Quanto mais qualificado o educador, maior deverá ser sua capacidade de enfrentar o imprevisível. Os educadores precisam buscar no educando e na comunidade escolar o apoio para as reivindicações de classe, e nos colegas a cooperação e a parceria fundamental para as tarefas difíceis.

Além disso, conforme Arroyo (2000), o educador precisa adquirir um saber competente e mergulhar no auto-conhecimento, dominar conteúdos, metodologias, técnicas didáticas, fundamentos de organizações escolares e todos os demais conhecimentos acumulados pela educação contemporânea. Mas ele precisa completar esse saber com um saber sistemático. Sem isso, ele não avançará na consciência de si mesmo e, pôr decorrência, na consciência do outro, o educando. Educar, segundo Alarcão, (2003, p.41), é um processo de formação e desenvolvimento da pessoa, que interage individualmente e coletivamente, desvendando dialeticamente a realidade, transformando-a, construindo novas experiências que, sistematizadas através da ação-reflexão-ação, produzam novos conhecimentos. Se reforça muito sobre a qualidade da educação, mas diante das necessidades de uma sociedade cada vez mais complexa, é fundamental compreendermos as exigências dos tempos modernos, ou seja uma sociedade multicultural, globalizada e apresenta aos indivíduos novos desafios. Por isso, a escola precisa compreender e trabalhar com seus educandos novos conhecimentos, novas competências. É preciso ensinar a todos, partindo de pontos diversos. Isso é o significado mais nobre do termo “respeito à diversidade”. Respeitar a diversidade significa que o educador saiba dar respostas diferentes, dependendo da realidade e necessidade do educando. Ele precisa saber fazer a transposição didática dos conhecimentos universais que serão ensinados em sala de aula, transformando-os em conhecimentos significativos para os educandos, quaisquer que sejam suas origens e condições socioeconômicas.

Desenvolver competências nos educandos, segundo Perrenoud (2000, p.20), é a palavra de ordem da educação moderna. Para formar pessoas preparadas para a nova realidade social e do trabalho, o educador brasileiro enfrenta o desafio de mudar a sua postura, ceder tempo de aula para outras

atividades que integrem diversas disciplinas e estar disposto a aprender com os educandos.

Deve portanto, estar atento e compreender quais são os saberes fundamentais para desenvolver a autonomia em seus educandos, tendo com princípio uma pedagogia ativa, cooperativa, aberta para a cidadania que trabalhe as competências, as quais abrangem todo universo escolar. Perrenoud (2000). Saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades; saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente ou em grupo; saber analisar situações e relações; saber cooperar, saber participar de atividade coletiva e partilhar liderança, saber superar conflitos, saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las; saber construir normas negociadas de convivência que superem as diferenças culturais. Para que realmente essas competências sejam desenvolvidas, isso exige um trabalho sobre sua relação com o saber. Segundo Perrenoud (2000), o educador deve ser capaz de identificar e valorizar suas próprias competências, dentro de sua profissão e de outras práticas sociais. O principal recurso do educador é uma postura reflexiva, sua capacidade de observar, de regular, de inovar, de aprender com os outros, com os educandos, com a experiência.

Entre os acontecimentos mais significativos para a construção da identidade do profissional da educação, destaca-se a saída do sistema escolar e o enfrentamento do mundo do trabalho. São da estratégia desenvolvida nesta fase que depende, simultaneamente, a identificação pelos outros de suas competências e a construção para si de seu projeto, de suas aspirações, de sua identidade. É deste primeiro confronto que vão depender as modalidades de construção de uma identidade profissional, de forma que constitua não somente uma identidade em relação ao trabalho, mas também e, sobretudo, uma projeção de si mesmo em relação ao futuro, a antecipação de uma trajetória profissional e a operacionalização de uma lógica de aprendizagem ou de formação. (Nóvoa, 1992, p.13)

O conceito de identidade profissional, relacionado ao mundo ocupacional do professor, integra os estudos que dizem respeito à socialização profissional que se centram nos processos de adaptação do professor ao seu meio profissional. “A identidade é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (Nóvoa, 1992, p. 13), ou seja, essa identidade se constrói a cada dia.

Arroyo (2000, p.205) propõe, além da trajetória escolar, a experiência docente como pólos responsáveis pelo processo de socialização profissional do educador. É no combate entre estes dois pólos, o da formação e o da experiência, que deveriam se situar os estudos sobre a questão da construção da identidade profissional do educador. Sabemos que esse processo de construção se efetiva a partir da relação que o educador estabelece com a sua profissão e o seu grupo de pares, e, ao mesmo tempo, representa as concepções simbólicas, pessoais e interpessoais, produto desta relação. Assim, a carreira dos educadores evolui de acordo com duas dimensões: a individual, centrada na natureza do seu eu, elaborada a nível consciente e inconsciente; e a grupal, construída representações do campo escolar.

Percebemos que historicamente, a profissão docente sempre foi considerada como uma semiprofissão, caracterizada pelo estabelecimento de alguns traços em que predominava o conhecimento objetivo, o conhecimento das disciplinas, à imagem e à semelhança de outras profissões.

Saber, ou seja, possuir um certo conhecimento formal, era assumir a capacidade de ensiná-lo.

Tudo isso impõe uma formação permanente que desenvolva processos de pesquisa colaborativa para o desenvolvimento da organização, das pessoas e da comunidade educativa que as envolve.

Aprender, mediante a reflexão individual e coletiva, além da resolução de situações problemáticas da prática, ou seja, partir da prática do educador realizar um processo de prática teórica; percebemos então, que é necessário fortalecer esses aspectos; aprender em um ambiente formativo de colaboração e interação social; compartilhar problemas, fracassos e sucessos com os

colegas; elaborar projetos de trabalho em conjunto e vinculá-los à formação mediante estratégias de pesquisa-ação. (Pimenta, 2002, p.37)

A docência competente somente se configura na prática persistente inquirida pela reflexão pessoal e pelo discurso argumentativo na comunidade da profissão, de forma a torna-se práxis de vida. Pimenta (2002). Ela não é realizada por outra parte, senão na referência e no confronto da aprendizagem dos alunos. É evidente que o educador não ensina senão na medida em que os alunos aprendem. Não há, de fato, docência, ela é cumprida, sem a efetiva aprendizagem por parte dos alunos; mais ainda, sem que por meio dela também o professor aprenda na relação dialogal com o outro. Não se ensinam ou aprendem coisas, mas relações mediadas pela interação humana e estabelecidas no entendimento mútuo. Trata-se de reinventar, em cada situação e para cada comunidade de sujeitos, os conceitos com que operarão professores e alunos, sobre os temas conjuntamente por eles postos à mesa comum da discussão. Arroyo, (2000). Nessas perspectivas, ser professor significa exercer o domínio de seu específico campo e processo de trabalho, passo a passo e a qualquer momento, o que requer trabalhar com rigor científico dos conhecimentos que faz seus e com os meios materiais e instrumentais de que se apropria na capacidade de elaborá-los, ou de reconstruí-los, segundo as exigências de sua proposta pedagógica.

O autêntico educador acredita no homem que está no aluno, a quem busca conferir o imenso privilégio de acreditar em si, desde a segurança afetiva até às capacidades adquiridas.

... o primeiro pesquisador da sala de aula é o professor que investiga seus próprios alunos. Esta é uma tarefa básica da sala de aula libertadora, embora, por si só, seja apenas preparatória, porque o processo de pesquisa deve animar os alunos a estudar tanto os textos do curso como sua própria linguagem (Freire, 1987, p. 21).

A reflexão sobre a ação e sobre a reflexão -na- ação, como nos diz o autor pode considerar-se como a análise que o indivíduo realiza *a posteriori* sobre as características e processos da sua própria ação. Um aspecto que

precisamos, como educadores, resgatar, é a valorização, o respeito, a cumplicidade e estímulo dos nossos educandos. Estas atitudes podem e devem ser adotadas no relacionamento professor-aluno. Atitudes humanas, de compreensão e de confiança por parte dos professores em relação a seus alunos têm conseqüências benéficas no rendimento escolar. Já, o tratamento frio e distante do professor em relação a seus alunos, deixa-os, sobretudo os mais jovens, abandonados à sua própria sorte, às suas próprias forças, que por vezes são poucas, devido à baixa auto-estima, vindo a estabelecer um círculo vicioso de fracassos e sentimentos de desvalia. Portanto, ser educador hoje, é viver intensamente o seu tempo, com consciência e sensibilidade, pois não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Segundo Arroyo (2000), os educadores precisam voltar o olhar para os educandos, mediante o convívio de uma relação natural numa base de um- a- um, ou ainda numa base de grupo que, nas salas de aula reflita operações de empreendimento em miniaturas no sentido em que sejam abertos, espontâneos e adaptáveis à mudança, sempre considerando que a experiência de vida do aluno deve ser levada em consideração no momento da aprendizagem, qualquer que seja o tempo que esta ocorre.

Segundo Imbernón (2000, p.31), ao educador de hoje exige-se muitos aspectos sobre os quais precisa definir sua ação:

- Preparar e estimular o aluno a buscar novas formas de pensar, de procurar e de selecionar informações;

- Apoiar o aluno na construção de seu jeito próprio de trabalhar com o conhecimento e de reconstruí-lo continuamente, atribuindo-lhe novos significados; ditados por seus interesses e necessidades;

- Propiciar aos alunos situações de aprendizagem que possibilitem a sua participação no processo de construção da cidadania e de consciência de seus direitos e deveres como cidadão.

Sabemos que a escola é o lugar onde as novas habilidades devem ser adquiridas, reconhecidas e desenvolvidas. Outra questão é ao acesso à

informação e a necessidade de providenciar igualdade de oportunidade, sob pena de desenvolvermos mais um fator de exclusão social.

Além disso, devemos valorizar a organização do pensamento e a ação em função da informação recebida ou procurada, e teremos, em princípio, um aluno preparado para viver na sociedade da informação. O desenvolvimento destas habilidades e dos contextos formativos que permitirão desenvolvê-las, exigem novas atitudes dos alunos, dos educadores e das escolas como organizações vocacionadas para educar.

O educando também já não é mais o receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. Segundo Libâneo (2001, p.35), o seu papel impõe-lhe exigências acrescidas. Ele tem de aprender a gerir e a relacionar informações para as transformar no seu conhecimento e no seu saber. Mais do que isso: é aprender a ser aprendiz ao longo da vida. O aluno tem de se assumir como um ser que observa a si, questiona-se e procura atribuir sentido aos objetos, aos acontecimentos e as interações. A atividade do educador insere-se num sistema escolar que tem a sua organização própria, onde o conhecimento do currículo é fundamental. Sendo o educando o sujeito central da ação educativa, é imprescindível que o professor detenha o conhecimento do educando e das características, isto é, compreenda o seu passado e o seu presente, sua história de aprendizagem, o seu nível de desenvolvimento cultural. Este pensamento, que é de imensa profundidade e, enquanto educadores, devemos refletir: “o único conhecimento que vale é o que se nutre da incerteza e que o único pensamento que vive é o que se mantém a temperatura da sua própria destruição” (Morin, 2000, p. 35).

Refletindo sobre o pensamento do autor vimos que em educação o conhecimento é sempre incerto, pois necessitamos sempre mais do saber, senão correríamos o risco de nos acomodarmos.

## CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, evidenciamos que a escola cumpre a função de reprodução cultural e social, ou seja, reflete as relações de uma sociedade marcada ainda pelos interesses capitalistas. Logo, é preciso pensar a sociedade para pensar a educação.

Em geral, a crise pela qual passa a educação brasileira é explicada ou pela inoperância da escola, ou pelo descaso dos governantes, ou então pelos reflexos dos modelos econômicos vigentes, estabelecendo-se uma co-relação entre as crises sociais, econômicas e políticas e a crise educacional.

Porém, apesar de terem sido ampliadas as discussões em torno da educação nesta última década, muitos problemas existentes na escola pública ainda persistem entre eles a evasão escolar.

Na prática constatamos que o problema da evasão escolar é de difícil enfrentamento. Por ser uma questão que não pode ser resolvida por meio de um dispositivo legal, que determine ou decrete o seu fim. O problema é bem mais complexo e requer uma distribuição de responsabilidades, um repensar das metodologias na formulação das políticas públicas do Estado para o sistema educativo em todas as esferas (federal, estadual, municipal e da sociedade civil) que estabeleça as medidas preventivas e assim evite a saída do aluno da escola antes de ter concluído a escolaridade no ensino fundamental ou médio.

Superar o problema da evasão escolar é, pois, uma questão política que exige de fato uma transformação no sistema educacional. Mello (1996), aponta que:

É preciso romper com a cultura do fracasso e as expectativas negativas que ainda ocorrem na escola. Para isso se faz necessário capacitar a escola e os professores para exercerem com sucesso a tarefa de educar, [...], enquanto não se formar uma competência técnica que leve ao sucesso e prove aos que não sabem ensinar, que todos os alunos são ensináveis desde que o trabalho didático-pedagógico seja com adequação as suas características. (Mello, 1996, p 182)

Sabemos que o quadro das carências que assola a educação brasileira é tão assustador e complexo que é difícil enumerá-los por ordem de prioridades, até porque sabemos das dificuldades que existem pôr parte das autoridades em atender carências como: pobreza, saúde, drogas, a distância da casa do aluno até a escola, a falta da participação dos pais e outras.

A evasão escolar como tema deste trabalho, um problema que ainda persiste nas escolas atingindo um grande número da população brasileira nos aponta, que existem ações que devem ser priorizadas por acreditarmos que há possibilidades para reverter à situação de fracasso escolar, que provoca tantos transtornos sociais para o aluno que abandona os estudos.

Logo, é urgente que o sistema educacional repense com maior profundidade e abrangência em busca de solução para o problema.

Assim, é preciso voltar os olhos para a escola e ver que é possível realizar um trabalho permanente de mudanças internas no que se refere a sua organização e construir conhecimentos e capacidades de gestão que permitam entender o significado e as conseqüências da evasão escolar considerando-se o contexto sócio-cultural e econômico em que está inserida.

Para isso, a escola deve rever sua estrutura e organização curricular e através do processo de gestão democrática, construir o seu projeto político-pedagógico, buscando os ajustes necessários para elevar os padrões de qualidade de ensino, com metodologias adequadas articulando ações a médio e curto prazo que conduzam a regularização do fluxo escolar, definindo que tipo de organização de ensino poderá oferecer aos alunos para que tenham uma experiência escolar de êxito. Sendo que este projeto ao se efetivar como prática democrática das decisões, deve garantir a participação de todos os segmentos da comunidade escolar, afim de que assumam o papel de co-responsáveis no projeto educativo.

Para tanto, é necessário que a escola rompa com a uniformidade de tratamento que recebem os alunos dos diferentes contextos sociais e culturais, conseqüência da falta de autonomia e da incapacidade para administrar com flexibilidade as pressões do meio social, deve se preparar para planejar a sua

trajetória de forma coletiva com vistas a garantir a qualidade de conhecimentos respeitando a capacidade e o tempo de aprendizagem de cada aluno dando-lhe condições de aproveitar ao máximo o seu potencial.

Daí a importância dos cuidados que a escola deve ter na hora que for construir seu projeto pedagógico de modo que possa prever a formação continuada de seus professores, as mudanças curriculares e metodológicas, a utilização adequada dos recursos em benefício da educação de seus alunos. Isto é, que possa ser organizada mantendo a sua identidade e repartindo as responsabilidades com todos os segmentos da comunidade escolar.

Dessa forma quando for analisar os dados estatísticos a respeito dos problemas da evasão escolar que ocorre no seu interior, possa através da gestão compartilhada estabelecer ações propositivas para reconduzir todo o processo educativo com vistas a evitar a saída do aluno pelos motivos que vimos no decorrer deste trabalho através dos depoimentos, e entrevistas, onde aspectos mais destacados foram: pobreza, distância da escola até a casa, desinteresse da família, falta de estímulo, dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho pelo cansaço físico e mental, entre outros fatores também citados.

Por experiência, especialmente no ensino noturno, podemos enumerar muitos outros motivos que contribuem para a evasão escolar que com certeza podem servir de elementos para dar continuidade aos nossos estudos, como: a droga, a gravidez principalmente nas adolescentes, problemas de ordem familiar, que se impõem como obstáculos para dar continuidade aos estudos, desentendimentos com colegas ou até mesmo com professores.

Considerando essa realidade, é que reafirmamos a necessidade urgente da escola reconhecer que a estrutura ainda vigente muitas vezes se constitui em obstáculos para assegurar a permanência do aluno e evitar a evasão.

É o momento da escola reorganizar seus espaços e tempos adaptando-se às necessidades da comunidade escolar, romper com o modelo de escola tradicional, superar a fragmentação e promover o planejamento de ações coletivas.

Deve também, rever a avaliação classificatória (excludente), tratar a aprendizagem a partir do enfoque interdisciplinar, promover formação continuada de todos os professores e daqueles que estiverem envolvidos com o processo educativo, estabelecer avaliação diagnóstica participativa, com o compromisso de garantir e oportunizar o acesso ao conhecimento a todos com igualdade, voltado para a formação plena da cidadania.

Para isso, precisamos tornar-nos aprendizes na sociedade do conhecimento, cada vez mais é preciso saber lidar com as novas situações que se apresentam no cotidiano profissional. Exige-se não apenas saber técnico, mas também uma maior capacidade de relacionamento humano, de trabalho grupal e interativo. Torna-se imprescindível passar de um currículo que privilegia uma forma de conhecimento e omite importantes dimensões da personalidade do educando, para um currículo que contempla o ético, o estético, o religioso, o afetivo, em suma as habilidades e as atitudes que constroem as identidades pessoais. Na visão cognitivista o educador apenas transmite seus saberes, quando deve aprender junto com os alunos numa interlocução de saberes.

Muitos são os desafios que brotam do compromisso de educar, respeitando as diferenças, equilibrando-se a autoridade, estimulando-se a criatividade e a responsabilidade, elegendo-se as regras de convivência a partir da boa vontade e a deliberação do grupo. Talvez seja esse um caminho para ser percorrido por professores e alunos juntos – aprendizes constantes construindo a cidadania.

Entendemos que o êxito desta nova escola face as fortes exigências do mundo produtivo exige além do processo de gestão compartilhada envolvendo todos os segmentos da comunidade escolar em torno de causas comuns, da atuação dos profissionais da educação, entendidos como gestores educacionais, onde o diretor, o supervisor, o orientador educacional e os professores tenham clareza do seu papel e de suas funções para planejarem suas ações, independente da especificidade de cada um, pensem o coletivo, comprometendo-se com o fazer pedagógico em benefício de uma educação de

qualidade que contemple a todos, coordenando a criação de projetos que assegure a permanência do aluno na escola, que sejam atraentes, significativos e adequados às necessidades e a realidade do mesmo.

## BIBLIOGRAFIA

AHLERT, Avori. **A Eticidade da Educação**. Ijuí: Unijuí, 1999.

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. 2ª ed. São Paulo: Cortez: 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). **Escola Reflexiva e a Nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artmed: 2001.

ALVES; MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa qualitativa e quantitativa**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.

ALVES, Ruben. **A Alegria de ensinar**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

ARROYO, Miguel. **Da Escola Carente à Escola Possível**. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. **Ofício de Mestre - Imagens e Auto Imagens**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 2000.

AZZOLIN, Terezinha (org.). **A Educação e o Mercosul / Conesul**. Desafio Político e Pedagógico. Tema: A educ. para o século XXI. Senai de Artes Gráficas, 2001.

BODGAN, R.; BIKLE, S. R. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto, 1982.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Fixa diretrizes e bases da educação nacional. Marcos legais. Brasília: Ministério da Educação/ FUNDESCOLA, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 1999.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Lei n 10.127/ 2001.

BUARQUE, Cristovam. Educação e Desenvolvimento. In: GROSSI, Esther Pillar (Org.). **Paixão de Aprender** Petrópolis: Vozes, 1992

CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a Escola**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_. **A didática em questão**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. **Ensino Noturno: realidade ou ilusão**. São Paulo: Cortez, 1994.

DEMOLY, Karla Rosane. **O lugar da professora na Escola – Mecanismos Institucionais de poder e saber**. Ijuí: Unijuí, 1995.

FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, Paz e Terra, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Organização do Trabalho na Escola, alguns pressupostos**. São Paulo: Ática, 1989

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente Profissional - formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2000.

KUENZER, Acácia Zeneida (org.). **Ensino Médio: Construindo uma nova proposta para os que vivem do trabalho**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **A escola como Organização de Trabalho e lugar de Aprendizagem**. Goiânia: Alternativa, 2001 p.19-29.

LÜDKE, André. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPV, 1986.

MARQUES, Mário Osório. Projeto Pedagógico: A marca da escola. **Revista Educação e Contexto**. Projeto pedagógico e identidade da escola. N. 18. Ijuí: Unijuí, abr. jun. 1993 .

MELLO, Guiomar Namó de. **Cidadania e Competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. São Paulo: Cortez, 1986.

MONARCA, Carlos. **História da Educação Brasileira**. Ijuí: Unijuí, 1999.

MORIN, Edgar. **Os Filhos da Incerteza**. Santa Maria: Pallotti, 1992.

\_\_\_\_\_. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2002

NICHOLAS, Davies. **Financiamento do Ensino Médio Estatal**: Obstáculos Estruturais e Conjunturais. Niterói: Fluminense, 2002

NÓVOA, Antonio. **As Organizações Escolares em análise**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. **Organização e Gestão da Escola, Teoria e Prática**. Lisboa : Dom Quixote ,2002.

OLIVEIRA, Dalila (org.). **Gestão Democrática da Educação** - Desafios Contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Miguel Darcy. **A vida na escola e a escola da vida**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

PASSO, Ilma (org.). **Projeto Político Pedagógico da Escola** - Uma construção possível. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as Competências desde a Escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Para aprender e desenvolver competências**. Revista Nova Escola, n-º 135, set, 2000, p.12, 13, 20, 21 e 23.

PIMENTA, Selma. **Professor Reflexivo**: Construindo uma crítica. São Paulo: Cortez , 2002.

RODRIGUES, Neidson. **Da Mistificação da Escola à Escola Necessária**. São Paulo: Cortez, 1987.

SANTOS, Boaventura de Souza. Reinventar a Democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: Vários. **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI** . Rio de Janeiro: Contraponto/ CORECON-RJ,1999

SILVA, Tomáz Tadeu. **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

TAVARES, Antonio de Jesus. **Educação e Hegemonia no pensamento**. São Paulo: Cortez, 1989.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Administração e Trabalho na Escola: a questão do controle. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. set. dez. 1985, p.35-36

TORRES, Rosa Maria. Fracasso Escolar. **Revista Pátio**. Porto Alegre: Artes Médicas, nov. dez. 2000.

WOLFGANG, Goethe. Sobre os Amores de Goethe. In: **Escrita e Vivência**. Campinas: Edunicampi,1993.

## **APÊNDICES**

## Apêndice A

### Prezado Professor:

Esta entrevista é integrante do projeto de monografia do Curso de Especialização com ênfase em Gestão Educacional, realizado na UFSM. Tem por objetivo investigar as causas que resultam no **fracasso e na evasão escolar**.

Solicito sua colaboração, respondendo com clareza as seguintes perguntas:

1. Que relação podemos fazer entre a reprovação, evasão escolar e a realidade econômica, social e cultural?.....

.....

2. De que forma o espaço, o tempo, o currículo e a relação professor/aluno, contribuem para reforçar a reprovação e a evasão escolar?.....

.....

3. Por que a avaliação do processo ensino-aprendizagem tem sido um dos principais mecanismos para a reprovação e a evasão escolar?.....

.....

4. Se considerarmos a educação como um direito de todos, qual o papel da escola frente a essas situações?.....

.....

5. Que ações a escola pode desenvolver para superar as práticas que reforçam a reprovação e a evasão escolar?.....

.....

.....

.....

## Apêndice B

### Prezado aluno:

Esta entrevista é integrante do projeto de monografia do Curso de Especialização com ênfase em Gestão Educacional, realizado na UFSM, Tem por objetivo investigar as causas que resultam no **fracasso e na evasão escolar**.

Solicito sua colaboração, respondendo com clareza as seguintes perguntas:

“A educação está sofrendo sérias transformações, caminhando para a verdadeira democracia, onde todos devem participar da política educacional, até mesmo do processo de avaliação que precisa ser revisado, para que os alunos deixem de serem vistos como números e passem a ser valorizados de maneira consciente e intencional”.

1. Como você vê a educação nos dias de hoje?.....

.....  
.....

2. Você acredita fazer parte de uma educação democrática?.....

.....  
.....

3. Como você gostaria que fosse a educação escolar?.....

.....  
.....

4. De que forma o espaço, o tempo, o currículo e a relação professor/aluno contribuem para reforçar a reprovação e a evasão escolar?.....

.....

5. Que ações a escola pode desenvolver para superar as práticas que reforçam a reprovação e a evasão escolar?.....

.....  
.....

## Apêndice C

### Prezados gestores:

Esta entrevista é integrante do projeto de monografia do Curso de Especialização com ênfase em Gestão Educacional, realizado na UFSM, Tem por objetivo investigar as causas que resultam no **fracasso e na evasão escolar**.

Solicito sua colaboração, respondendo com clareza as seguintes perguntas:

1. Sempre haverá exclusão em uma sociedade com estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais injustas, desiguais. Mas, é possível propor formas/ações que contribuam para evitar a exclusão e buscar humanizar as relações. Que ações a escola pode desenvolver neste sentido?.....

.....

2. De que forma o espaço, o tempo, o currículo e a relação professor/aluno contribuem para reforçar a reprovação e a evasão escolar?.....

.....

3. Por que a avaliação do processo ensino-aprendizagem tem sido um dos principais mecanismos para a reprovação e a evasão escolar?.....

.....

4. As práticas de avaliação (instrumentos, relação professor/aluno) são as que mais reforçam a reprovação e a evasão. Como deve ser a avaliação do processo ensino-aprendizagem na escola, de forma a superar as situações de reprovação e evasão?.....

.....

5. O aluno é sempre o culpado por sua reprovação ou evasão. Qual a sua opinião sobre esta afirmação?.....

.....

.....

## APÊNDICE D

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DINARTE RIBEIRO

ESTATÍSTICA

Anos: 2001 – 2002 – 2003 – 2004

Ano: <b>2001</b>	1ª série	2ª série	3ª série	Total Evadidos	Percentual
Matriculados	177	85	35	64	21%
Evadidos	36	24	04		
Ano: <b>2002</b>	1ª série	2ª série	3ª série	Total Evadidos	Percentual
Matriculados	188	84	53	61	21%
Evadidos	35	23	3		
Ano: <b>2003</b>	1ª série	2ª série	3ª série	Total Evadidos	Percentual
Matriculados	158	111	44	111	35%
Evadidos	60	44	7		
Ano: <b>2004</b>	1ª série	2ª série	3ª série	Total Evadidos	Percentual
Matriculados	172	131	48	106	30%
Evadidos	68	35	3		

Fonte : Secretaria da Escola.